

COMEÇA A NOVA ARQUITETURA MATO-GROSSENSE

Gabriel de Mattos

Uma nova fase?

Em seu *Dossiê Interior*, de 1990, Hugo Segawa já detectava, estudando os casos da evolução arquitetônica em cinco cidades brasileiras (São José do Rio Preto, Londrina, Caxias do Sul, Vitória e Cuiabá): “[Nas cidades] onde não há escolas de arquitetura, discute-se mercado; onde há, discute-se também arquitetura.”

Quase tri-centenária, Cuiabá já tem duas escolas de arquitetura, e uma delas forma agora em 2000 a sua primeira turma. E é a primeira turma de arquitetos formada em Mato Grosso, o que por si só já deve motivar algumas reflexões.

Em meados de dezembro passado, os formandos apresentaram, como exigência legal para obtenção do diploma, seus Trabalhos Finais de Graduação. Esses projetos são a síntese do que foi estudado ao longo de cinco anos, numa formação que inclui desde a parte de cálculo estrutural e desenho artístico até teorias urbanísticas. Em sua grade curricular, a Arquitetura coloca em prática a interdisciplinaridade.

Esses trabalhos também servem para que o formando já comece a definir seus caminhos e a área de atuação que pretenda seguir, assim é que, olhando a lista dos trabalhos, pode-se distinguir uma gama muito ampla de setores atingidos pelos projetos, de pequenos detalhes técnicos, como desenho por computador, até propostas de leis urbanísticas, que vão afetar toda a vida de uma cidade.

Áreas e Espaços de Atuação

Falo de uma nova fase da Arquitetura Mato-Grossense, porque hoje não se pode mais cair naquela armadilha de dizer que Mato Grosso, ou especificamente Cuiabá, *não tem arquitetura*, aquela esparrela que tanto dano causou (e causa) na região, simplesmente porque certos (pré) conceitos de Arquitetura não se enquadram no caso local.

Estudos desenvolvidos nas duas escolas de arquitetura do Estado já fizeram levantamentos sobre as arquiteturas e os estilos

locais, sejam os já detectáveis (neocolonial, ecletismo toscano, brutalismo, etc.) ou os que ainda buscam uma definição (caso das novas cidades da década de 1970, ou da arquitetura de condomínios fechados em cidades antigas, como Chapada dos Guimarães). E esta inclusive é uma área de atuação para os arquitetos locais, que se interessam por patrimônio histórico.

Costumo dizer aos meus alunos que eles devem estar muito atentos à prática profissional: se não surgir uma Arquitetura Mato-Grossense (Arquitetura do Cerrado, Arquitetura Pantaneira, etc.), e se não surgir uma nova forma de administrar as cidades do Estado, uma forma adaptada às peculiaridades da região, então podemos fechar as faculdades de arquitetura daqui. Um curso superior, neste início de século, só se justifica se for uma *usina de idéias*, uma fonte de propostas, um espaço que discuta e questione o já feito, e lance as bases do que ainda precisa ser feito. Nesse sentido é que é preciso olhar estas propostas dos novos arquitetos locais, analisar se há um conformismo ou uma ânsia de propor soluções.

Porque já estamos cansados de *problemólogos*, chegou a hora dos *solucionólogos*; para citar o cartunista Quino.

Um olhar sobre as cidades

Os trabalhos apresentados, que devem fazer um circuito de exposições em vários locais, tratam da área de projetos de arquitetura e projetos de urbanismo. Todos eles buscam uma inserção dentro de um espaço urbano, com propostas que variam entre um rearranjo de condições urbanas, deterioradas ou mal preparadas para receber certas funções, e mesmo radicais intervenções, através de construções destinadas a funcionar como novos referenciais para a cidade.

Felizmente a primeira turma de formandos teve consciência de seu papel mais amplo no cenário estadual, e seis trabalhos foram propostos em cidades do interior. Começemos por eles.

Doriane Azevedo e Carla Andreia Dal Mas trabalharam respectivamente com Araputanga e Chapada dos Guimarães. Suas propostas visam primeiramente organizar a cidade no sentido de fluxos e caminhos (de pedestres e automóveis, felizmente com destaque para os primeiros) e propõem algumas construções voltadas para o aten-

dimento à população local e à recepção de turistas. Rafael Detoni Moraes desenvolveu toda uma proposta de Lei de Uso e Ocupação do Solo para Nova Mutum, cuja principal importância é evitar problemas no crescimento da cidade, prepará-la para um futuro desenvolvimento. Rafaela Zanirato trabalhou justamente numa área não planejada dentro do projeto inicial de Sinop, uma área carente que cresceu e ameaçava não se adaptar ao sistema de serviços urbanos daquela cidade. Os projetos para lazer e turismo também foram desenvolvidos para as peculiaridades locais, Thiago Rodrigues da Cruz propôs uma Pousada de Pesca e Lazer na região de Rosário Oeste, e Dorcas Florentino de Araújo desenvolveu um projeto para o Terminal Rodoviário de Várzea Grande, já exigido pelo fluxo de ônibus inter-municipais que chegam àquela cidade.

É preciso lembrar que a Constituição Federal obriga os municípios com mais de 20.000 habitantes a desenvolverem um Plano Diretor. No entanto este Plano está longe de ser uma série de normas e leis ou mesmo um plano de obras públicas; a meta principal é desenvolver um sistema de planejamento urbano constante, de acompanhamento da cidade, o que precisa ser feito pelas prefeituras. Na década passada, os arquitetos cuiabanos ocuparam os jornais justamente para exigir esse sistema de administração do crescimento urbano, evitando as ações de circunstância ou mesmo favorecimentos; o resultado foi o embrião de uma Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, que toda cidade de médio porte precisa ter, para implantar o Plano Diretor e fazer os seus constantes ajustes. Esta é outra das áreas de atuação para os vários arquitetos que vão se formar na região (atenção, senhores prefeitos e candidatos a prefeito!).

Também apareceram projetos de alcance urbano para a capital. Mafalda Sofia de Gusmão Rocha Pedroso desenvolveu um trabalho de revitalização e restauração sobre a área tombada pelo Patrimônio Histórico no centro de Cuiabá, que inclusive será apresentado para o escritório local recém-implantado da Unesco. Outra proposta, esta mais radical, foi feita por Frederico Cezar Giuberti Sucena Rasga, com uma intervenção no Morro da Luz, visando criar novos referenciais urbanos, como um mirante e um teatro, entre outros. Gemima de Almeida e Souza e Letícia Rodrigues Mesquita trabalha-

ram na área de paisagismo, a primeira através de uma proposta de intervenção no Horto Florestal Tote Garcia e a segunda propondo um Parque Urbano às margens do Rio Cuiabá. Precisamos lembrar que uma pesquisa feita, pela revista *Vôte!*, com vários arquitetos locais detectou que uma das principais necessidades da capital é justamente esse tipo de área de lazer.

A Nova Construção e os detalhes

Os projetos arquitetônicos também foram desenvolvidos, em suas várias complexidades. Partindo do centro da capital, Taíssa Modesto Azevedo propôs uma restauração externa e intervenção interna na histórica Casa Orlando, visando transformá-la num centro comercial e de lazer. Maurício Jefferson Bando propôs a reforma e restauração do Estádio Presidente Dutra, ampliando seu potencial de atendimento à população através de novas funções. Juliana Vilela desenvolveu, junto à comunidade do Jardim Presidente II, um projeto de Creche Comunitária, a ser implantada naquele bairro. E Kassio Rodrigo Catena projetou o Parque Aquático Blue Waters, visando trazer um pouco do lazer esportivo para a capital.

Na área de arquitetura educacional, Kátia Alves Barcelos desenvolveu o projeto de uma Escola Profissionalizante para Computação, de acordo com as mais modernas normas de ergonomia e conforto ambiental.

Na área de detalhes específicos e projetos especiais, Karla Krause desenvolveu o projeto e análise ergonômica de um apartamento modelo para deficientes físicos dos membros inferiores, de acordo com as mais modernas normas e leis de proteção aos portadores de necessidades especiais. Na área de computação gráfica aliada ao projeto, Wilson Manoel Gonçalves Salvador Neto fez um trabalho sobre *Arquitetura Virtual: uma melhor representação dos espaços*.

E trabalhando sobre a própria realidade da UFMT, dois trabalhos: Adriana Gomes Machado desenvolveu um projeto de climatização do Restaurante Universitário, e Eduardo Alexandre Cirillo de Carvalho propôs a Revitalização e Identidade Visual do Campus.

Uma visão do futuro

Quem acompanhou a história recente das universidades federais deve ter uma idéia do que foi começar um novo curso nestes tempos conturbados interna e externamente. Internamente, com todas as dificuldades de se instalar uma série de novos espaços apropriados para um bom curso, e mesmo conseguir manter um corpo docente estável; a UFMT, como várias outras instituições federais de ensino, é tocada com um grande número de professores substitutos, apesar da abertura de vagas pela aposentadoria de titulares. Externamente, pelo fato de novas tecnologias e teorias virem afetando, dia a dia, o próprio perfil profissional de qualquer pessoa que queira enfrentar um curso superior; questões como globalização, fim do emprego e auto-gestão colocam o formando em posição de questionar se esses cinco anos de curso de fato preparam-no para enfrentar essa mutabilidade de situações, se ele de fato está ágil para acompanhar as futuras oscilações das condições profissionais.

Pessoalmente, acho que os cursos de Arquitetura estão em situação privilegiada para enfrentar essas questões. O simples fato de propor ao estudante uma visão tecnológica (na área de Cálculo e Sistemas Estruturais), artística (História da Arte e da Arquitetura, Desenho de Observação) e sociológica (Teoria da Arquitetura e do Urbanismo) já procura desenvolver uma multiplicidade de visões, nem sempre fácil, mas necessária para enfrentar este novo milênio e seus desafios.

Boa sorte aos formandos, e boas idéias para Mato Grosso através deles.

Gabriel de Mattos é arquiteto, professor universitário nos cursos de Arquitetura e Urbanismo de Cuiabá (UFMT e UNIC) e Mestre em Educação.

Lista dos Trabalhos Finais de Graduação

Primeira Turma de Arquitetura – UFMT 2000

Autor	Título	Professor Orientador
Adriana Gomes Machado	Climatização do Restaurante Universitário da UFMT	Humberto da Silva Metello
Carla Andréia Dal Mas	Revitalização do Centro de Chapada dos Guimarães, MT	Anna Regina Feuerharmel
Dorcas Florentino de Araújo	Terminal Rodoviário de Passageiros para Várzea Grande, MT	Nicácio Lemes de Almeida
Doriane Azevedo	Estudos Urbanísticos para a cidade de Araputanga, MT	Shirley Hitomi Gushiken
Eduardo Alexandre Cirillo de Carvalho	Revitalização e identidade visual do Campus da UFMT	Nilson Caminha Azevedo
Frederico Cezar Giuberti Sucena Rasga	Revitalização do Morro da Luz (Cuiabá, MT)	José Affonso Bottura Portocarrero
Gemima de Almeida e Souza	Intervenções no Horto Florestal Tote Garcia (Cuiabá, MT)	Anna Regina Feuerharmel
Juliana Vilela	Creche Comunitária do Jardim Presidente II (Cuiabá, MT)	Humberto da Silva Metello
Karla Krause	Projeto e análise ergonômica de um apartamento modelo para deficientes físicos dos membros inferiores	José Roberto Andrade
Kassio Rodrigo Catena	Parque Aquático Blue Waters (Cuiabá, MT)	Claudio dos Santos Miranda
Kátia Alves Barcelos	Escola profissionalizante na área de Computação (Cuiabá, MT)	José Roberto Andrade
Leticia Rodrigues Mesquita	Parque Urbano às Margens do Rio Coxipó (Cuiabá, MT)	Shirley Hitomi Gushiken

Mafalda Sofia de Gusmão Rocha Pedroso	Restauração e Revitalização de parte tombada do Centro Histórico de Cuiabá, MT	Gabriel Francisco de Mattos
Maurício Jefferson Bando	Reforma e Restauração do Estádio Presidente Dutra (Cuiabá, MT)	José Roberto Andrade
Rafaella Zanirato	Sinop, MT: Propostas Urbanísticas para um bairro de periferia	Shirley Hitomi Gushiken
Rafael Detoni Moraes	Proposta de Lei de Uso e Ocupação do Solo de Nova Mutum, MT	Anna Regina Feuerharmel
Táissa Modesto Azevedo	Restauração externa e intervenção interna na Casa Orlando (Cuiabá, MT)	Nilson Caminha Azevedo
Thiago Rodrigues da Cruz	Pousada de Pesca e Lazer em Rosário Oeste, MT	Nilson Caminha Azevedo
Wilson Manoel Gonçalves Salvador Neto	Arquitetura Virtual: Uma melhor representação dos espaços	Claudio dos Santos Miranda